



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Marcus Vinícius Honorato da Silva

Candomblé de Angola e a Divindade Mpambu Nzila

Florianópolis
Julho 2023

Marcus Vinícius Honorato da Silva

Candomblé de Angola e a Divindade Mpambu Nzila

Relatório Técnico de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo apresentado ao Departamento de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.
Disciplina JOR 6802 - Trabalho de Conclusão de Curso, professor Fernando Crócomo
Orientadora: Isabel Colucci Coelho

Florianópolis
2023

Exu ganha o poder sobre as encruzilhadas:
Exu não tinha riqueza, não tinha fazenda, não tinha rio,
não tinha profissão, nem artes, nem missão.
Exu vagabundeava pelo mundo sem paradeiro.
Então um dia, Exu passou a ir à casa de Oxalá.
Ia a casa de Oxalá todos os dias.
Na casa de Oxalá, Exu se distraía,
vendo o velho fabricando os seres humanos.
Muitos e muitos também vinham visitar Oxalá,
mas ali ficavam pouco,
quatro dias, oito dias, mas nada aprendiam.
Traziam oferendas, viam o velho Orixá,
apreciavam sua obra e partiam .
Exu ficou na casa de Oxalá por dezesseis anos.
Exu prestava muito a atenção na modelagem,
e aprendeu como Oxalá fabricava,
as mãos, os pés, a boca, os olhos, o pênis dos homens,
as mãos, os pés, a boca, os olhos, a vagina das mulheres.
Por dezesseis anos ficou ali ajudando o velho orixá,
Exu não perguntava,
Exu observava.
Exu prestava atenção,
Exu aprendeu tudo.
(PRANDI, p.40. 2001)

Marcus Vinícius Honorato da Silva

Candomblé de Angola e a Divindade Mpambu Nzila

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Jornalismo” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo.

Florianópolis, 11 de agosto de 2023.

Prof. Valentina Nunes
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Isabela Colucci Coelho
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Fernanda Nascimento
Avaliador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Leslie Chaves
Avaliador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado à minha querida madrinha Sônia Maria da
Silva, meu eterno melhor amigo e primo, Michel Richard da Silva.

Vó Lina, Vó Ruth, Vô Manoel e Vô Gabriel.

Seu Toco Preto
Cabloco 7flechas
e seu Zé do Coco.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Nzambi. Mpambu Nzila, que possibilitou transformar o pensamento em material. Meus Nkisis que me guiam e me protegem nessa longa caminhada, meu pai que sempre foram o suporte, minha família toda que amo tanto e mesmo de longe vibraram e torceram por cada passo dado nesse caminho.

Por fim, agradecer minha namorada e amigos, que se mantiveram e foram colo e o afeto necessário, mas também com quem eu celebrei quando o sol brilhou.

Ntondele abantu (obrigado a todos)

RESUMO

Este trabalho de conclusão é em formato de podcast contendo dois episódios que abordam: (i) minha vivência nascido dentro de um terreiro e minha vida como iniciado no santo e (ii) a Divindade Mpambu Nzila. Segundo o G1, uma pesquisa coordenada pela Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras consultou mais de 255 terreiros de todo o Brasil e relata que quase a metade registrou até cinco ataques violentos nos últimos dois anos. O Disque 100, serviço que recebe essas denúncias, registrou no ano de 2022 três denúncias de intolerância religiosa por dia. O primeiro episódio do produto aqui desenvolvido será narrado em primeira pessoa contando a minha história na perspectiva de nascido e criado dentro de um terreiro, e tendo contato com um mundo oposto que via dentro de casa, e, já na vida adulta, como iniciado no santo. O segundo episódio é sobre a divindade Mpambu Nzila, abordagem que terá por foco o candomblé de Angola, no qual a língua predominante é o bantu. Mpambu Nzila é senhor dos caminhos e detém o poder da comunicação. O objetivo do trabalho é apresentar essa divindade, o elemental, para quem não tem conhecimento a respeito. Mas, sem o intuito de desvendar, pois para conhecer a fundo esse universo, apenas frequentando e tendo uma ligação direta com a relação e o divino.

Palavras-chave: Candomblé Angola. Mpambu Nzila. Podcast. Religião. Jornalismo.

ABSTRACT

This course conclusion work is a podcast format containing two episodes that address: my experience inside a terreiro and later as started in the saint and the Mpambu Nzila Divinity. According to the Brazilian news portal G1, a survey coordinated by the National Network of Afro-Brazilian Religions was carried out, which heard more than 255 terreiros from all over Brazil, and reports that almost half registered up to five attacks in the last two years. Disk 100, the Brazilian national service that receives these complaints, recorded three reports of religious intolerance per day in 2022. The first episode will be conducted in the first person, telling my story from the perspective of being born and raised in a terreiro, and having contact with an different world than the one I saw at home. And then being initiated into the saint. The second episode is about the so-called Mpambu Nzila, an approach will be focused on Candomblé in Angola, where the predominant language is Bantu. Mpambu Nzila is lord of paths and protections the power of communication. The line of work is introduced for those who do not have the knowledge and what the planned, the elemental is all about. But, without the intention of selling, because it is only possible by attending and having a direct connection with the relationship and the divine.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 OBJETIVOS.....	8
1.2.1 Objetivo Geral	8
1.2.2 Objetivos Específicos	8
2 DESENVOLVIMENTO	9
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	10
2.2 ENVOLVIMENTO PESSOAL COM O TEMA.....	11
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
3.1 O FORMATO PODCAST.....	11
4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO JORNALÍSTICO.....	12
4.1 DENTRO DO TERREIRO.....	13
4.2 MPAMBU NZILA	14
5 PROCESSO DE APURAÇÃO	14
5.1. PRÉ-APURAÇÃO.....	14
5.2 FONTES.....	15
5.3 ROTEIRIZAÇÃO, GRAVAÇÃO E EDIÇÃO.....	15
5.4 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO.....	16
5.5 VEICULAÇÃO.....	16
6 RECURSOS	17
7 DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	18
8 CONCLUSÃO.....	18
REFERÊNCIAS.....	19
ANEXO A – Ficha do TCC
ANEXO B – Declaração de Autoria e Originalidade
ANEXO C – Roteiro

1. INTRODUÇÃO

“Mpambu Nzila Senza Muzila, Ungira ê!”

A saudação em bantu é utilizada para receber, salvar o Nkisi que é por si: O senhor dos caminhos e comunicação. Nkisi que é a ligação entre o céu e a terra, mas também carrega nele a confusão, uma dualidade que por vezes é confundida e mal interpretada.

O candomblé de Angola faz parte de quem eu sou desde que me entendo por gente: nasci e me criei no terreiro por conta da minha família. Meu pai carnal é a raiz do terreiro Nzó Nkisi Nzazi, onde traz com ele a *dijina* (nome) Tatetu kelawê. Quando criança, mesmo ainda não fazendo parte da casa de santo, sendo curioso, tinha com o terreiro uma relação lúdica, que me aguçava a brincar com meus primos sobre o giro que víamos e ouvíamos. A religião é intrínseca a mim. Hoje, faço parte do terreiro mantido por minha família, localizado no município de Araquari, na região norte de Santa Catarina.

No meu cotidiano, o sagrado do candomblé estava inserido no convívio com minha família, aquilo que foi base, meu chão. Por ter essa vivência tinha em mente que minha fé era como qualquer outra, porém com o passar do tempo, entendi que não é bem assim.

Segundo o portal de notícias G1, uma pesquisa coordenada pela Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras que considerou mais de 255 terreiros de todo o Brasil, quase a metade deste total registrou até cinco ataques nos últimos dois anos. O Disque 100, serviço que recebe essas denúncias, registrou três denúncias de intolerância religiosa por dia em 2022.

O produto jornalístico aqui desenvolvido busca documentar em áudio uma história narrada em primeira pessoa na perspectiva de quem nasceu, cresceu e está inserido no Candomblé de Angola, trazendo informações sobre a estrutura e a importância coletiva que o terreiro carrega. No segundo episódio, traz uma introdução à Mpambu Nzila com entrevistas de sacerdotes expondo o que é a divindade, o seu papel no Candomblé e na vida de quem é tem essa fé.

1.1 OBJETIVOS

1.2.1 GERAL

Informar sobre o que é o espaço de um terreiro, sua estrutura, costumes e importância na sociedade. Apresentar a divindade Mpambu Nzila e apresentar o Candomblé de Angola, a partir de depoimentos de autoridades religiosas, que têm conhecimento e dominam o assunto, na busca de apresentar essa vertente do Candomblé a quem não conhece esse mundo.

1.2.2 ESPECÍFICOS

- Demonstrar como são as relações dos componentes de terreiro;
- Ouvir com sacerdotes sobre a divindade
- Mostrar como é o funcionamento de um terreiro;
- Relatar qual o valor de Mpambu Nzila para religião e a sociedade;
- Informar sobre como afeta a imagem para quem é praticante.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Contextualização

O povo banto foi o primeiro a ser escravizado, trazido e espalhado pelo Brasil, entre os séculos XVI ao XIX. Mas, pelo motivo do apagamento histórico, pouco se tem documentado sobre este povo que foi um dos principais a compor o que chamamos de país. Os bantos abarcam praticamente todas etnias do sul, leste e centro da África. O povo que se manteve mesmo com a invisibilidade perante a outros povos como Nagôs e Jejes.

O Candomblé Banto foi recriado no meante do século XIX, a história do Candomblé Congo- Angola resiste pela oralidade do povo de santo, pois são pouquíssimos registros bibliográficos. Segundo Raimundo Nonato Silva, na história do Candomblé Congo-Angola há cinco grandes famílias de referência. Temos a família de Maria Neném, de Gregório Makwende, de Amburaxó, de Mariquinha de Lemba e a da Goméia.

O meu terreiro advém da família do Amburaxó que tem como fundador Miguel Arcanjo de Xangô, da raiz Massanganga de Kariolé uma das mais antigas do Candomblé lá da Bahia, em que houve a miscigenação do Banto e Yorubá. Miguel foi o primeiro morador do bairro do Beiru, que leva o nome de um negro escravizado, comprado pela família Hélio Silva Garcia. Ele morreu aos 81 anos de idade no ano de 1941.

O candomblé resiste até os dias de hoje, como a favela do beiru localizada no centro da cidade de Salvador, do Estado da Bahia, na área que anteriormente pertencia ao antigo quilombo do Cabula.

A cultura é atemporal. O candomblé, com suas variações de raízes, teve modificações, não é o mesmo formato que povos africanos cultuavam. Pelo corte geracional causado pela escravidão, mas que por intermédios dos mais velhos perpassou pelo poder da oralidade.

Neste documento, tem-se a intenção de valorizar e dar holofotes novamente àqueles que foram berços do saber que usufruímos atualmente como: culinária, dança, linguagem e musicalidade. Saber esse que, erroneamente, nas salas de aula passou por um processo de reducionismo dos povos destas regiões, que passaram a ser definidos somente como “africanos”. - sem a devida ênfase ao enriquecimento cultural que estrutura o Brasil.

Em “Relações Raciais e Ensino Religioso no Brasil”, Sérgio Luis do Nascimento fala sobre racismo no Brasil como é constituído teoricamente por três esferas de três diferentes pensamentos e componentes. O primeiro é Gilberto Freyre, que propôs a ideia da democracia

racial. Segundo seu entendimento, no Brasil, o racismo seria velado, negado, e amenizado pela miscigenação racial. Ele propôs a tese de que as relações raciais no Brasil seriam cordiais, amigáveis. A segunda é a chamada “Escola de São Paulo”, com Florestan Fernandes, que critica o “ mito da democracia racial” preconizado por Freyre. Para Florestan Fernandes, as relações raciais são enfocadas pela grande distância social entre brancos e negros; a discriminação racial é transparente e marcada pela desigualdade. A terceira e última posição é marcada pela atuação do Movimento Negro e de cientistas sociais que “procuram, além de promover a crítica ao dogma de democracia racial, evidenciar que o racismo é constitutivo das desigualdades sociais brasileiras” (BRAZILLI, 1999, p.21).

O Ensino Religioso no Brasil, os materiais didáticos disponibilizados para o ensino fundamental e médio são categoricamente debruçados na visão européia-cristã. O Racismo Religioso acontece pelo mecanismo do formato da sociedade com marcadores raciais e sociais. Desta maneira, a divindade Mpambu Nzila é marginalizada e construída no imaginário da sociedade como algo maléfico. Sendo comparado ao Diabo que evidencia como o Racismo Religioso se espelha e estabelece. O candomblé tem como ponto principal o nkisi Mpambu Nzila, o transmissor, a ligação, o caminho, a possibilidade.

2.2 ENVOLVIMENTO PESSOAL COM O TEMA

O tema tem uma significância para o aluno de forma sentimental e no âmbito dos ideais, com os quais sempre se propôs a trabalhar durante a graduação. A pauta racial, social que é relevante ser levantada e explorada para disseminar discussões para que haja questionamentos sobre os dogmas que são impostos na sociedade. E tendo envolvimento direto com a religião, usar desta experiência reportar o que aquele sagrado e sua relevância. Sabendo que histórias devem ser documentadas, para que no futuro não se perca na linha do tempo, não caia no esquecimento o valor da cultura do saber.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 PODCAST

No artigo “ A importância da oralidade como fonte histórica da África” da Adriana de Souza, o escritor Amadou Hampâté Bâ fala sobre a tradição e poder da palavra aos povos africanos.

Hampâté Bâ (2010,p.167), sobre tradição oral cita em seu texto que para conhecermos realmente esta tradição, segundo ele “[...] só terá validade a menos que se apoie na herança de acontecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitido de boca a ouvido, de mestre a discípulo ao longo dos séculos.” Sendo assim o valor da Palavra dita nestas sociedades é de muita importância porque está relacionada com o valor do homem e sua honra, respeitando suas origens e suas tradições, assim Hampâté Bâ (2010, p.168) escreve “[...]o homem está ligado a palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra”. (SOUZA, 2017, PÁG.7)

Ela ainda acrescenta:

Hampâté Bâ (2010, p.169) cita: “Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, divertimento e recreação [...]”. A Palavra para estas sociedades orais têm um poder sagrado, está relacionado com todas as coisas do universo. De acordo com a história das comunidades africanas, segundo Hampâté Bâ (2010, p.171) “o homem recebeu do poder criador divino, o dom da mente e da Palavra [...]”. (SOUZA, 2017, PÁG.7)

Os trechos acima justificam a escolha do formato, da opção pelo áudio. A forma que o entendimento oral é universal que expande o espaço-tempo.

Fora a sincronia que existe no formato que é de forma oral com o Candomblé de Angola que se difere de outras religiões por sua cultura essencialmente baseada na oralidade. Mas, vale ressaltar, mesmo que a cultura seja oral, não impede que tenha livros, escritos, e sim, que

não obrigatoriamente exista um livro sagrado a ser seguido. Por este motivo, o podcast carrega o nome de Oralizando.

O formato de podcast teve um aumento significativo entre os brasileiros. O relatório do DataReportal 2023 afirma que o Brasil é o país que mais consome conteúdos de podcast no mundo, com 42.9% de usuários de internet, com idade entre 16 e 64 anos, que escutam podcast toda semana.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

O trabalho de conclusão de curso concebe em um podcast sobre Candomblé de Angola e a divindade Mpambu Nzila. A narrativa em primeira pessoa no episódio que inicia é para contextualizar o ouvinte sobre a vivência do autor dentro do terreiro na primeira perspectiva quando criança e na fase adulta já inserido dentro do terreiro. Pretendo mostrar minha perspectiva, de ser uma pessoa candomblecista numa sociedade supostamente laica, mas que age de forma e costumes judaica-cristã.

No segundo, dois entrevistados contam suas vivências, perspectivas em seus respectivos cargos que constroem um terreiro. Falam sobre a divindade da forma mais informativa de quem cultua e experiência a divindade no dia a dia.

O público alvo são pessoas entre 16-65 anos de idade, voltado para quem não está imerso na temática religiosa, mas busca conhecer mais sobre o tema, tem a curiosidade de adentrar no Candomblé. O ponto crucial é ser um programa leve já que a temática tem suas complexidades, mas sendo informativo para quebra de preconceitos tanto sobre a religião e perante a divindade. O trabalho não carrega o peso de desvendar nada. Pois é algo que precisa estar vivendo o sagrado para conseguir mensurar e, se possível, descrever. Com intuito de disponibilizar visões acerca do que foi proposto e mostrar a verdadeira essência do que é ser angoleiro, seu respeito com o divino e os elementos da natureza.

A distribuição do trabalho será feita pelas mídias sociais e plataformas digitais, principalmente Instagram e Spotify, onde o grupo alvo dos podcasts se encontra. Tendo o poder de escolha e sendo separado em dois episódios com temas distintos o público optará por qual começar.

Sobre as fontes, houve uma dificuldade de encontrar um grande volume pelo tema ter um nicho em específico de raiz Bantu. Segundo o IBGE de 2010, existem 1.016 pessoas que se declararam candomblecistas e umbandistas em Santa Catarina. Somando com as que declararam o segmento Umbandistas no total são 10.083 pessoas. Na questão de dissertações ou artigos, não obtive tanta felicidade, por encontrar muito sobre a raiz Iorubá ou a própria Umbanda, mas nada relacionado ao Candomblé Congo Angola da nação Bantu. Além do mais, teve que se reconstruir a narrativa sobre a própria divindade durante as diversas pesquisas e conversas com pessoas dentro do território e a orientadora, pela difusão da linguagem Iorubá e Bantu. Muitos angoleiros utilizam a palavra Exú que se refere também a Mpambu Nzila, o elemental, o divino. Neste documento e nas entrevistas existe a diferenciação para não causar dúvidas sobre o que está sendo pautado.

No caso das entrevistas, as fontes encontradas foram pelo Instagram e tendo referências dentro do próprio terreiro. Uma das fontes, Tata Kasulembê, já acompanhava suas publicações sobre a religião e diferentes camadas que aborda. A outra é meu pai carnal e também ancestral, Tatetu Kelawê que pela facilidade consegui fazer a entrevista presencialmente. Em consideração a distância dos dois convidados que são residentes em Minas Gerais as entrevistas foram gravadas remotamente. Pela facilidade de conciliar as agendas pelas demandas que os entrevistados tinham com seus terreiros e vida pessoal, o remoto foi um caminho melhor encontrado. Na questão da qualidade do material, pode ter interferido minimamente, mas que no produto final é despercebido.

4.1 Episódio 01: DENTRO DO TERREIRO

Neste episódio, aborda-se minha vivência falando em primeira pessoa abrindo o podcast para ambientar o ouvinte na temática que será trabalhada. Trazendo uma contextualização sobre minha infância e a relação que tinha com a religião de meus pais, amigos e familiares, e do contato diferente que via e sofri na escola. Uma instituição de ensino que geralmente segrega mesmo trabalhando com diferenças.

O olhar de dentro do terreiro para documentar baseado numa experiência individual no coletivo, onde se pode trazer pontos que alguns têm curiosidades sobre a semântica do Candomblé como é constituído e desenvolvido.

Enfatiza-se também como o Candomblé integra minha vida, como angoleiro, exercendo um cargo entre os demais que formam a hierarquia do terreiro. Colocando os

pontos centrais do que me vejo dentro e como aplico fora do terreiro as disciplinas aprendidas.

4.2 Episódio 02: Mpambu Nzila

Tratando da divindade da nação bantu, onde sacerdotes falam sobre como ingressaram na religião e como é a experiência na vida do santo. Trazendo pontos sobre como é o Candomblé de Angola e a Divindade retratada.

Busco diferenciar, desfazer a confusão entre Exu (divindade Ketu) e Pambu-Njila (divindade Bantu), pois existe outras ramificações para tratar sobre Exu (ancestral) chamado muitas vezes de catiço na Umbanda ou no Ketu e Ungirá na raiz Angola.

5 PROCESSO DE APURAÇÃO

5.1 PRÉ-APURAÇÃO

O trabalho de conclusão de curso do graduando Marcus Vinícius Honorato da Silva foi iniciado durante a disciplina de Planejamento de TCC do Curso de Jornalismo, realizada no segundo semestre de 2022. O projeto foi baseado na vivência do aluno e na carência sobre o assunto e que de alguma forma se relacionava com os altos números de racismo religioso pelo Brasil. Daí o motivo da escolha para o teor combativo dessa causa. Durante as aulas, do Professor Carlos Locatelli foi apresentado a ideia inicial que era diferente da atual, contendo um pesquisa sobre as divindades Hermes e Exú, no decorrer dos apontamentos do docente e levantamentos de alguns pontos dos colegas, se fez necessário um recorte, para chegar no denominador comum sobre o tema escolhido.

Após o fim do semestre, o aluno contou com a ajuda da orientadora Isabel Colucci para conversar sobre a temática e qual caminho a percorrer. Foi proposto um levantamento de dados e pesquisa, antecedendo as entrevistas. Porém, no decorrer do processo e falta de bases teóricas se percebeu necessário o ponta pé nas entrevistas onde se pesquisa também sobre o tema. Assim, caminhou-se para as buscas de fontes, criação de textos, construção do relatório, roteiro e entrevistas.

5.2 FONTES

As fontes entrevistadas foram brasileiros que são de terreiros de Angola, dois que residem no Estado de Minas Gerais e um no Estado de Santa Catarina. No longo processo, identifiquei a dificuldade de encontrar pais/mães de santo de Candomblé de Angola, então priorizei os que tinha para preencher igualmente o episódio sobre a divindade.

Os entrevistados foram:

Tata Kasulembê- Tata Kambondo e empresário

Tatetu Kelawê- Zelador do Nzó Nkisi Nzazi

O roteiro das perguntas tinham perguntas padronizadas e umas diversificadas para cada entrevistado. No intuito de compilar várias informações sobre a experiência deles. Uma das entrevistas foi realizada presencialmente com o Kelawê, no terreiro dele. E a outra remotamente, sendo uma pela plataforma do zoom e outra via Whatsapp, entre os meses de maio e junho de 2023.

5.3 ROTEIRIZAÇÃO, GRAVAÇÃO E EDIÇÃO

As entrevistas foram em diferentes vias sendo realizadas assim: zoom, whatsapp e presencial. Os formatos dentro das limitações ocorreram bem e tendo uma boa dinâmica com o convidado. Um roteiro foi criado para nortear as entrevistas, mas deixando espaço para a troca entre o entrevistador e os convidados. Durante as entrevistas se mostrou a necessidade de adicionar novas questões devido às diferentes atuações de cada respectivo entrevistado.

- Quando se iniciou? E por quê?
- Qual seu terreiro?
- Enxerga uma mudança da sociedade diante o candomblé?
- O que é Mpambu Nzila para você? Como explicaria Exú?
- Qual seria o papel de exu no candomblé de Angola?
- Viver o nkisi interfere na sociedade na sua visão?
- Como se enxerga produzindo conteúdo sobre a religião? E os motivos que levaram a fazer este conteúdo?

- Qual a importância do candomblé no saber?

Após as entrevistas houve as decupagens dos materiais com demarcação de minutos para facilidade da montagem de roteiro. Para melhor colocação de cada personagem durante o segundo episódio, já que no primeiro teria sonora. E a saga de pesquisa e apuração de informações mas correlacionar com a locução e sonoras.

5.4 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

A edição do material foi realizada no programa *Adobe Audition*. Na etapa de edição dos dois episódios, o autor contou com a supervisão atenta da orientadora Isabel Colucci Coelho, e assim também no processo do acabamento final.

5.5 VEICULAÇÃO

O produto será disponibilizado no Spotify e SoundCloud. Após a banca, o aluno tem a intenção de criar um perfil para divulgação do trabalho final.

Vale ressaltar que todas as sonoras são de entrevistas que o graduando realizou. A música de fundo da BG foi retirada da plataforma Artlist.io disponibilizada para uso livre e sem copyright/royalty.

6 RECURSOS

Os equipamentos e serviços utilizados na produção desde trabalho de conclusão já são do graduando. No projeto de TCC, não foram incluídos alguns recursos básicos. Desta forma, o orçamento final foi mais alto do que o inicialmente calculado, mas não afetou no resultado .

Abaixo estão elencados os recursos utilizados no projeto, como custos com equipamentos e serviços, além do valor teórico cheio que se pagaria para sua execução. Os cálculos são baseados em preço de mercado e valores referência de sindicatos, mostrando a viabilidade do projeto ou não fora da universidade.

Material estimado	Quantidade	Valor/tempo	Valor Final
Celular com microfone	1	-	R\$2.800,00
Luz	1	R\$150,00/mês	R\$450,00
Plano de internet	1	R\$100,00/mês	R\$300,00
Computador/notebook	1	Lenovo ideapad S145 Uso indeterminado	R\$3.500,00
Adobe Audition	1	R\$86,00/mês	R\$ 258,00
Decupagem	-	R\$ 313,49/semana	R\$1.253,96
Edição de áudio	-	R\$ 626,93/semana	R\$626,93
Total	-	-	R\$9.188,89

7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Durante o processo, houve grande dificuldade em encontrar material para ter como base. Pelo recorte que fiz do tema, tinha poucas que se relacionavam e teriam proveito. Aflições que compartilhei com minha orientadora, que indicou na montagem do roteiro para entrevistas.

A montagem do roteiro do primeiro episódio precisou de alguns dias para ser construída e vir à tona. Por contar um pouco da história da minha vida, tendo alguns limites do que poderiam entrar sobre o sagrado do Candomblé, me vi empacado, mas que pouquinho a pouquinho, o trabalho fluiu. A apuração também teve obstáculos, pois seriam apenas sacerdotes do Candomblé de Angola.

Assim, contei com dois entrevistados, pois os demais que tinham contato não participaram, por falta de tempo e logística. Muitos tinham funções em seus terreiros e não conseguiam ceder uma entrevista. Houve uma entrevista que decidi não colocar, porque mandei as perguntas pelo Whatsapp e as respostas eram por áudio, mas desconsidereei pela qualidade e respostas que já tinham aparecido no produto.

No momento, fiquei abalado, pois queria ter uma gama de entrevistados para diversificar, mas no final os dois entrevistados se complementam muito bem.

Na etapa final, o podcast foi bom para reviver os diversos aprendizados na parte da edição, o sufoco pelas perdas de áudio, porém alguns consegui recuperar e outros tive que regravar em casa com o celular. Por este motivo há uma leve queda de volume no começo do primeiro episódio, que na hora da edição foi visto e tentei contornar para que não afetasse tanto na experiência do ouvinte. E não havendo como ir na rádio regravar pelo curto espaço de tempo para acertar os últimos detalhes.

Apesar dos percalços, a fase de desenvolvimento dos programas foi muito significativa, para as maneiras novas de fazer um programa de podcast 2023 que já é diferente que 2018 no ano que entrei no curso. Essas dinâmicas busquei trazer nos dois não necessariamente são lineares, tendo a possibilidade ouvi-los sem ser uma sequência e fazer sentido. Fico muito feliz por mais uma experiência e o resultado do produto.

8. CONCLUSÃO

O trabalho deu base para arriscar no que se quer fazer nas ideias que podem não serem as corretas são incentivadas, pois a possibilidade do erro é permitida. Ter essa tranquilidade da minha orientadora, de construir junto ao mesmo que abre a espaço para exploração do tema pelo aluno, fortificando assim a autoestima do jornalista que estará logo ali.

A euforia de cada entrevista realizada, o alívio após decupagens, as edições, deixavam o sentimento de felicidade pairando observando o resultado do produto.

O curso forneceu qualidade de ensino apesar do desmonte, nestes cinco últimos anos de queda dos investimentos na educação superior pública, foram de extrema riqueza e bagagem acumulada para novos voos maiores.

O trabalho tem um peso para comunidade de santo, mas não somente, àqueles que se interessam pelo tema, aos próprios jornalistas para nos atentarmos a essas pautas. Sinto que

tentei, busquei muitas coisas dentro da graduação, mas o pertencimento era algo que fazia falta, este trabalho foi para salientar que eu pertencia ao Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Antonio Teixeira; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Lino Nilma. O negro no Brasil de hoje. 1ª Edição. São Paulo. Global. 2006

NASCIMENTO, do Luis Sérgio. Relações raciais e Ensino Religioso no Brasil. 1ª Edição. Belo Horizonte. Nandyala. 2012.

OLIVEIRA, de Cláudio Luís; GOMES, Campos de Edlaine. O tradição do Orixás: valores civilizatórios afrocentrados. 6ª Edição. Rio de Janeiro. Ipeafro. 2019.

SANTAELLA, Lucia. O projeto de pesquisa e seus passos. *In*: SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SOSA, E. **Pesquisa exploratória para conhecer o contexto científico dos Podcasts jornalísticos no Spotify**. *In*: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul da Intercom, Porto Alegre, RS, 2019. Anais... Porto Alegre, 2019.

Souza, Adriana. A importância da oralidade como fonte histórica na África. Universidade Federal de Santa Catarina, Juiz de Fora, 2017.

TV Cultura e Entretenimento. Babalorixá Rufino do Beiru(O Bom do Pó), Disponível em: <https://www.radiowebusm.com.br/2019/03/babalorisa-rufino-do-beiru-o-bom-do-po.html>

Avis. C. Maria. O Brasil é o país que mais consome podcast no mundo.Uninter, 2023.Disponível

em:<https://www.uninter.com/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo#:~:text=%C3%89%20o%20que%20mostra%20o,hora%20por%20dia%20ouvindo%20podcast>

IBGE. Disponível em :<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/pesquisa/23/22107>

Borges. G. Kamila.O CANDOMBLÉ CONGO-ANGOLA: MANIFESTAÇÃO BANTU A IMPORTÂNCIA DOS SABERES AFRO-RELIGIOSOS NA EDUCAÇÃO,2013. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/candomble-bantu-e-a-importancia-dos-afro-saberes-na-educacao/#:~:text=Tudo%20indica%20que%20o%20Candombl%C3%A9,registros%20bibliogr%C3%A1ficos%20s%C3%A3o%20muito%20poucos.>

APÊNDICES

FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC		
ANO	2022.2	
ALUNO (A)	Marcus Vinícius Honorato da Silva	
TÍTULO	Racismo Religioso e Mpambu Nzila, introdução a divindade	
ORIENTADOR	Isabel Colucci	
MÍDIA	<input type="checkbox"/> Impresso	
	<input checked="" type="checkbox"/> Rádio	
	<input type="checkbox"/> TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/> Foto	
	<input type="checkbox"/> Web site	
	<input checked="" type="checkbox"/> Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/> Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/> Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/> Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/> Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/> Reportagem livro-reportagem ()	() Florianópolis (X) Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: Brasil
ÁREAS	Candomblé Angola. Mpambu Nzila. Podcast. Religião. Jornalismo.	

RESUMO

Este trabalho de conclusão é em formato de podcast contendo dois episódios que abordam: (i) minha vivência nascido dentro de um terreiro e minha vida como iniciado no santo e (ii) a Divindade Mpambu Nzila. Segundo o G1, uma pesquisa coordenada pela Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras consultou mais de 255 terreiros de todo o Brasil e relata que quase a metade registrou até cinco ataques violentos nos últimos dois anos. O Disque 100, serviço que recebe essas denúncias, registrou no ano de 2022 três denúncias de intolerância religiosa por dia. O primeiro episódio do produto aqui desenvolvido será narrado em primeira pessoa contando a minha história na perspectiva de nascido e criado dentro de um terreiro, e tendo contato com um mundo oposto que via dentro de casa, e, já na vida adulta, como iniciado no santo. O segundo episódio é sobre a divindade Mpambu Nzila, abordagem que terá por foco o candomblé de Angola, no qual a língua predominante é o bantu. Mpambu Nzila é senhor dos caminhos e detém o poder da comunicação. O objetivo do trabalho é apresentar essa divindade, o elemental, para quem não tem conhecimento a respeito. Mas, sem o intuito de desvendar, pois para conhecer a fundo esse universo, apenas frequentando e tendo uma ligação direta com a relação e o divino.

ANEXO B - Declaração de Autoria e Originalidade

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Marcus Vinícius Honorato da Silva, aluno regularmente matriculado no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 18201080, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Candomblé de Angola e a Divindade Mpambu Nzila** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizamos a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 11 de julho de 2022

Assinaturas

ANEXO C- Roteiro

DENTRO DO TERREIRO

SOBE BG DESCE BG

LOC1 - Bem-vindos ao programa Oralizando, eu sou o Marcus Honorato e este podcast, produzido em dois episódios, é meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina//

LOC1- Aqui, vou contar sobre Candomblé de Angola e a Divindade Mpambu Nzila. O candomblé no ponto de vista de quem está inserido desde o nascimento e foi criado dentro do terreiro/ E as visões dos pais de santo sobre a religião e o Nkisi Mpambu Nzila//

SOBE BG DESCE BG

LOC 1 - Nesse primeiro episódio, eu te convido a conhecer minha história com o candomblé. E no próximo, vou te contar sobre a divindade Mpambu Nzila. Nasci em agosto nos anos 2000 na cidade de Joinville localizada no norte do Estado de Santa Catarina.

LOC1- Quando as pessoas pensam em Joinville, elas comumente lembram da cultura alemã, mas existem outros povos que influenciaram a formação cultural da cidade. As populações negra e indígena já estavam presentes antes da chegada dos colonos alemães. Talvez você não tenha ouvido falar, porque a política de branqueamento e a construção de uma história europeia em Santa Catarina foram fortes, mas Joinville foi apontada como a cidade catarinense com o maior percentual de pessoas negras: dezoito por cento, segundo os últimos dados disponíveis, que são do censo de 2010. Inclusive, há duas comunidades quilombolas na cidade, o Beco do Caminho Curto e o Ribeirão do Cubatão. E mais duas ficam ali pertinho, localizadas nos municípios de Araquari no Areias Pequenas e Itapocu.

LOC1- meus pais são: Alaide Honorato da Silva e Arildo da Silva, ambos candomblecistas.

SOBE BG DESCE BG

LOC1- Fui criado numa casa em que também se estabelecia o terreiro, o espaço era pequeno mas que possibilitava realizar atendimentos e giras que aconteciam com poucos

que integravam a casa// Aliás, você sabe o que é um sikasambi(conhecido também como gira? Uma gira é uma roda formada pelas pessoas que entram em transe, que segue o ciclo do mais velho que seria o pai de santo ao filho mais novo.//

LOC 1- Era criança, mas já tinha um pouco de noção que a religião que meus pais cultuavam eram diferentes das demais que meus amigos e alguns familiares participavam//

LOC1- Foi algo normalizei por estar muito no meu convívio, mas como era criança tinham coisas que sentia falta sabe?,te explico. Meu pai era um líder religioso que atendia de segunda a quinta. Menos sexta-feira em respeito a Lembá(popularmente conhecido como Oxalá), mas havia sábados e até alguns domingos que ele tinha clientes, aos domingos eram raros, mas quando aconteciam prejudicavam nosso sagrado horário do futebol.

LOC1- Por exemplo, quarta-feira à tarde estávamos assistindo um filme, cotidianamente alguma pessoa aparecia para jogar búzios ou apenas conversar com meu pai sobre sua vida// Muitas das vezes comento com ele que pai de santo também é um psicólogo, porque a maioria das pessoas que chegavam até ele, recorriam para conversar das mazelas que afetavam// Percebia que minha rotina não era comum como os demais colegas de escola//

LOC 1- Este choque se acentuou quando mudei de escola, com 8 anos, e tinha a disciplina de ensino religioso/ Onde teoricamente era para ensinar sobre todas as crenças,mas acabava não indo tão a fundo em outras religiões/ E o que se destaca era Catolicismo e Evangelismo//

LOC 1- Foi onde tive alguns embates com colegas e o professor, pela falta de conhecimento sobre candomblé/ Sofri o racismo religioso ali, pela forma preconceituosa que ainda é vista a nossa religião de forma demonizada, como se cultuasse o diabo, termos pejorativos como que se fizesse o mal, pratica macumba, sendo que, macumba é um instrumento africano. O preconceito anda junto com a ignorância//

SOBE BG DESCE BG

LOC 1- Neste meio tempo, meus pais se mudaram para onde é localizado o meu terreiro Nzó Nkisi Nzazi, em Araquari/ Município que faz divisa com Joinville//

LOC1- Fomos uns dos primeiros moradores do bairro do loteamento São Vicente/ Quando chegamos, observei como meu bairro era diversificadamente formado religiosamente. Havendo uma igreja evangélica, uma católica e o terreiro do meu pai///

LOC1- Curioso desde pequeno, mostrei interesse em fazer a primeira comunhão, um rito católico, e isso foi aprovado pelos meus pais, sem pestanejar/ eu sabia o que ocorria no espaço religioso que eu morava, mas queria saber mais sobre outras religiões// Fiz a catequese, mas foi algo que não me preenchia, embora sempre tenha achado interessante as passagens que compunham a bíblia//

LOC1 - Muito por ouvir desde pequeno das minhas avós, que eram católicas de carteirinha//

**SOBE BG
DESCE BG**

LOC1- Na adolescência já, me intitulava como um “candomblecista não praticante” como os católicos geralmente mais afastados fazem./ Enfim, muito para me afiliar a algo/ Hoje, integrado à casa, vejo que essa definição “não praticante” não cabe nem um pouco ao povo de terreiro e àqueles que têm crença//

LOC1- Pois se você tem fé em algo e segue aquelas práticas, isso se aplica tanto do dentro do espaço que frequenta quanto na sua vida fora//

**SOBE BG
DESCE BG**

LOC1- Toda vez que aconteciam as giras, eu estava lá junto com meus primos que também cresceram no terreiro e que hoje compõe a casa/ Naquela época, ficávamos na assistência(local designado para as pessoas que não entram na roda e que vão para assistir)//

LOC1- Era algo sempre muito prazeroso de ver, não somente eu, como meus primos tínhamos o plano de entrar pra casa para participar das giras/ mesmo que meus pais nunca tenham me pressionado para isso

LOC1- Apesar desse pensamento, deixei minha vida religiosa em segundo plano e, prestei o vestibular na UFSC, onde passei para Jornalismo, e me mudei para Florianópolis/ Onde conheci outro mundo para explorar/ O que ocasionou o meu afastamento das vivências do terreiro não só pela distância, mas por decisão própria//

LOC1- Cheguei à ilha em julho de 2018, prestes a fazer dezoito anos / encantado pelas novidades do curso e da cidade que via só pela televisão//

LOC 1- Mas existe um chamado de quem é de terreiro sabe, o chamado ancestral//

LOC1- Reconheço o meu chamado ancestral, porque foi feito um trabalho à Dandalunda (conhecida também como Oxum) para eu vir ao mundo. Este recado veio através do Zé do Coco, entidade que meu pai carrega, e que houve esse fundamento para o Nkisi Dandalunda que tem o poder da fertilidade, também reconhecida como a mãe das águas doces.

LOC1- Sempre estive envolvido até mesmo antes de vir. É uma coisa que sempre brinquei lá com meus pais, eu era pra ser do Candomblé, vim por intermédio de forças maiores para e é um significado muito grande pra mim.

LOC1- Vejo que meu chamado ancestral vieram de passos de longe//

SONORA: CANTIGA

KISIMBI Ê / KISIMBI Ê MONAME
KISIMBI Ê/ KISIMBI Ê MONAME
KISIMBI È MONAME

LOC1- Tendo consciência deste chamado. Lembro que aquele ano foi bem conturbado e sentimentos distintos/ Feliz pela etapa que começava a trilhar, mas que no fim do ano tive uma perda na família inestimável/ Minha tia, madrinha e que integrava o terreiro//

LOC1- Foi quando tive o estalo de perceber que havia âmbitos da minha vida que estavam super bem, mas existia algo desencaixado/ O espiritual sempre foi pulsante em mim, sou uma pessoa bem sensível/ resolvi me reaproximar daquilo que sentia falta//

LOC1- Fui para Araquari, joguei búzios com meu pai// Os búzios mostraram que se fosse por minha decisão já era tempo de entrar para o Nzó que é tradução para casa/ E assim fiz com a permissão das entidades de meu pai// Que tem o poder da escolha se a pessoa entra ou não para o Nzó/

SOBE BG
DESCE B

LOC1- No final de dois mil e dezoito, ingressei junto com meus primos fazendo os procedimentos necessários, kusaka(limpeza do corpo e espírito) e o Ngudia Mutue(fortalecimento mental e do corpo)/ Kusaka e o Ngudia Mutue não estão ligados somente a função de-entrar no terreiro, é um trabalho que se faz com clientes que precisam se livrar dos negativos e atrair a bonança e reativar o positivo na sua vida//

LOC1- Faz cinco anos que frequento o terreiro/ E 2 anos de iniciado, quando passei pelo ritual de iniciação no santo. (Neste processo iniciatório a pessoa fica recolhida durante 21 dias na kukanga(que seria o quarto) para receber ensinamentos, aprender a conviver no coletivo do candomblé, que também serve para vida no lado de fora do terreiro//

LOC1- Vale ressaltar que as obrigações de santo vão até os 7 anos, depois disso são complementos//. Após a saída da kukanga os muzenzas(denominado como iniciados) ficam 3 meses no terreiro para cumprir os preceitos, só saindo se precisar trabalhar, //

LOC1- As pessoas que entram em transe carregam por noventa dias o ningui (kelê em outras raízes do candomblé) típica: uma aliança com o Nkisi. Já Makota e Kambondo não utilizam em algumas raízes do candomblé.

LOC1- E há preceitos a serem seguidos após saída da kukanga: durante três meses evita-se sair para lugares aglomerados como bares; pegar sereno; sol do meio dia; e ir a cemitérios. Durante um ano, não se vai à cachoeiras e praias//

SOBE BG

DESCE BG

LOC1- Hoje feito no santo e cumprido meus preceitos, carrego minha dijina que seria o nome que serei reconhecido em toda sociedade do candomblé. Sou NjilaMezu iniciado para o Nkisi Nkosi suspenso pelo kaboclo 7 flechas de meu pai como Tata Kambondo do Nkisi Nzazi que foi apontado para cuidar desta divindade //

SOBE BG DESCE BG

LOC1- Há uma Hierarquia nos terreiros, Tatetu(pai de santo) ou Mametu(mãe de santo), os tata kambondos e makotas são os complementos do Tatetu ou Mametu do Nzó, aqueles mais velhos depois do pai de santo/ Kambondo seria Ogã na língua yorubá e Makota seria Ekedí em yorubá/

LOC1- Kambondo É quem trata da rua, apanha as folhas para a maianga (banho), toca as ngoma/ existe o apontamento para suas atribuições: como kivonda(aquele que corta) Xicarangoma (aquele que toca) e tem também os que ensinam junto com a kota e makota as danças do nkisi/ E o compromisso de zelar pelas entidades quando estão em terra //

LOC1- As ngomas (chamados popularmente como atabaque) têm uma importância ritualística para o transe de quem recebe o Nkise/ existe um jogo sempre de três tambores que falarei do maior para o menor/ Tixina o maior que tem como predominância o grave, o Mukundu é o médio que tem o timbre intermediário e o kasumbi que é o menor com som agudo// E o agogô complementa o toque/ Existem as variações principais nos toques: Kabula, Congo de Ouro, Barravento// Que você pode ouvir agora!

SONORA

TOQUES PRINCIPAIS

KABULA, CONGO DE OURO E BARRAVENTO

SOBE BG DESCE BG

LOC1- Logo depois tem o cargo Kota que são pessoas que após 7 anos de feitura tem seu posto como o filho mais velho depois dos kambondo e makota/ Tem os muzenza iniciados para o Nkise/ E os indube, aqueles que frequentam mas ainda não são iniciados para o santo//

LOC1- Candomblé é complexo para o entendimento colonial, pois tudo que é decolonial é visto com afastamento, logo se torna complexo.

LOC1- Um convidado especial para o programa é o Tatetu Kelawê que é meu pai sanguíneo e de Santo. Ele entrou para religião aos 18 anos, mas foi iniciar para o santo no

ano de 1998. Há mais de 40 anos, ele é um angoleiro. Ele fala agora sobre a sua raiz do nosso terreiro.

SONORA

[31:46] Quando me apresento, apresento sempre falando: Senza Nzila Mpambu Nzila Ungira ê. Eu estou pedindo licença a Exu, eu tô pedindo licença a essa comunicação que saia boa. que essa comunicação seja entendida. A gente pede licença ao próprio dono da comunicação então.

Assim, a minha raiz, a gente diz que tem nome e sobrenome, eu sou da raiz de massanganga de kariolé. Me iniciei nesta raiz, sendo como Tataravô seria o Rufino do Beiru, bisavô Mirinho da Oxum, avô Kafuluanda e pai Tatetu Gotange.

LOC 1- A minha história é dentro do terreiro. Dentro dele aprendi o que é coletivo, responsabilidade, respeitar a sabedoria do mais velho que será nosso próximo ancestral.

LOC1- Ser candomblecista, ou melhor, ser angoleiro é reencontrar o caminho de África// De zelar pela natureza, de se cuidar no espiritual, mas físico e mentalmente// É cortar a linha do banzo e fortalecer o valor do Banto///

SOBE BG DESCE BG

LOC1- É isso pessoal, o primeiro episódio de Oralizando contando sobre minha vivência dentro do terreiro fica por aqui, esperam que tenham gostado!

LOC1- E adianto que, o próximo episódio será sobre a divindade Mpambu Nzila com as visões dos sacerdotes do Candomblé Angola! Fiquem ligados!

SONORA

**xô xô xô xõ arauna
não deixa ninguém te pegar arauna
arauna é um pássaro bonito arauna
não deixa ninguém te laçar arauna
xô xô xô xõ arauna
não deixa ninguém te pegar arauna
arauna é um pássaro bonito arauna
não deixa ninguém te laçar arauna**

**SOBE BG
DESCE BG**

Mpambu Nzila

saudação a todas nações

Mpambu Nzila Senza Muzila, Ungira ê! Anunci, Kozandiô, Makuiu Abantu Senza aiá, Kolofé! (ao povo yorubá)

LOC1- Olá, começa mais um episódio do podcast Oralizando//

LOC1- Sou o Marcus Honorato. No primeiro episódio do nosso podcast, te contei minha história como angoleiro. Agora vamos falar sobre Mpambu Nzila// Nas visões de quem faz parte do Candomblé Angola //

SOBE BG

DESCE BG

LOC1- Esta divindade é pouco conhecida, mas é muito demonizada. O Oralizando te introduz no que seria Mpambu Nzila na perspectiva de cada sacerdote do Candomblé de Angola//

**SOBE BG
DESCE BG**

LOC1- O Tatetu Kelawê introduz a ideia sobre o Nkisi Mpambu Nzila

SONORA

[15:29]É o elemental da natureza, o próprio elemental. Então, Mpambu Nzila pra nós é isso que nós estamos fazendo. é a comunicação.

É a comunicação entre nós e o Nkisi, o próprio elemental, próprios elementais da natureza. É ele que faz essa ponte, pra nós o Mpambu Nzila é o movimento na terra é a energia das encruzilhadas, energia que nos traz trabalho que a gente pede, né? É bom viver na terra.

[16:29]É tudo que a boca come é tudo que a boca fala então é ele ele faz essa Ponte pra nós.

SONORA: CANTIGA

Pambugira kujakojanjo pambugira jamukonge aiá orê orê, pambugira jamukonge aiá orê orê!

Pambugira aê pambugira aê pambugira jamukonge aiá pambugira aê!

ngange ganga iô ganga ô leke pambugirê ngange ganga iô leke pambugira!

Exu a pavanã exu a pavanã exu a pavanã na sua aldeia indaué exu a pavanã, na sua aldeia indaué exu a pavanã!

É mavila mavambô ê compensuê

É mavila mavombô ê compensuê

É mavila mavambôio ê compensuê HA HA HA

Ê compensuê a

SOBE BG
DESCE BG

LOC1- O Tata Kambondo Kasulembê é empresário na área da Tecnologia da Informação e produz conteúdos sobre o Saber da religião para redes sociais. Ele conta o motivo que levou a produzir este tipo de conteúdo.

SONORA

[09: 45] Vou colocar três três pilares motivadores para poder partir para uma rede social, a primeira Pilar é essa que a gente está falando que assim eu preciso dizer eu preciso dizer ao mundo o que é essa religião para mim, o que isso foi na minha vida. Qual foi o elemento transformador que isso causou em mim e que causava na comunidade que eu pertencia então eu precisava dizer isso, né? Então o primeiro Pilar balizador era isso o segundo Pilar balizador.

Eram as próprias pessoas do seio da comunidade. Que que eu tenho mais intimidade nas conversas informais de domingo após almoço ou pós reset candomblé ali, né? Ela sempre ela sempre colocavam um posicionamento de que eu tinha uma de que eu tinha uma fala bem articulada, uma retórica boa e que eu poderia usar isso de uma forma melhor, né? E aí talvez foi o segundo Pilar e vem o terceiro Pilar que era exatamente quando a gente começa a ter esse contato mais cotidiano com as redes sociais, eu vi aqui as próprias pessoas que se diziam pertencente a religião.

Deturparam aquilo que a religião em prol de visualizações às vezes até por um desconhecimento, né? E aí me gerou também um desejo de dizer também que aquelas pessoas não representavam o que era o que é, né? A essência da religião [11:14] para aquelas pessoas que gostam de levar a religião a sério.

SOBE BG

DESCE BG

LOC1- Assim como eu, Kasulembê também se criou no terreiro. Desde 1996 ele é confirmado para o Nkisi de Lembá. Tendo essa experiência, ele expõe sua visão sobre o Nkisi Mpambu Nzila e traz uma outra ótica para entender mais a divindade.

SONORA

[02:26]

A minha concepção de Mpambu Nzila ela se interfaceia muito com a minha concepção de Exu com a minha concepção de leba, ela vai se interfacear com essas várias divindades de nomenclaturas distintas, mas eu vou me ater a falar sempre o termo Mpambu Nzila, mas às vezes eu posso dar algum exemplo da nomenclatura de Exu, que é algo que é muito usado, né? Então assim eu vejo que hoje o entendimento do que é divindade Mpambu Nzila ou Exu. Ela está muito banalizada. Ela tá muito raso, né? É algo que as pessoas não avançam no entendimento, né? É assim aí a pessoa vem e diz assim matou o pássaro.

[03:26]

Ontem com a pedra que ele só atirou hoje, né? E aí as pessoas caem sempre no lugar comum, não sabe assim dizer isso. Ah. Vocês precisam falar sobre o mercado de Exu. E aí as pessoas não conseguem entender o ampliar o discurso o entendimento do que é Exu do que é Mpambu Nzila quando ele pega para o lado da cultura Bantu Candomblé Congo Angola.

[03:53]

A palavra Nzila ela quer dizer caminho, né? E a palavra Pambu, ela pode dizer Entroncamento Encruzilhada cruzamento, né? Então quando a gente diz que a divindade chama em Nganga Mpambu Nzila, nós estamos querendo dizer que ele é Nganga é o senhor, né? É O Senhor das Encruzilhadas dos caminhos e aí as pessoas também se apegam muito nisso de uma forma muito Rasa, né? E eu acho que dá para ampliar esse entendimento sem dizer aquilo que eu sempre brinco, né? Assim dá para dizer melhor o que é sem dizer como é né? E aí nesse entendimento do que é Mpambu Nzila. Quando eu digo assim o Senhor das encruzilhadas dos caminhos traz para o entendimento do literal. Vamos dizer assim, né? Vamos pensar assim.

[04:45]

Toda Encruzilhada tem Mpambu Nzila mora. Isso é uma verdade, isso é verdade tanto é que é um dos locais onde é feito oferendas a essa divindade então toda Encruzilhada Mpambu Nzila mora isso é uma verdade.

LOC1- Kasulembê elucida o que seria Mpambu Nzila junto com algumas metáforas que o acompanham./ Ele conta sobre a pessoa que recorre à Mpambu Nzila, que ainda sim continua com seu livre arbítrio ou melhor o poder de escolha , vamos ouvir!//

[08:03]

Então, quando eu digo que às vezes a visão das pessoas é muito rasa em relação ao que é Exu ou que é Mpambu Nzila no que é esse movimento não quer essa Encruzilhada no que é quando quando se diz metaforicamente que ele matou um pássaro ontem com uma pedra que ele atirou hoje É nesse sentido é porque ele conhece todas as possibilidades de caminho que a gente ainda vai cruzar então assim a gente diz. E aí Exu então me diz no caminho para eu acertar na mega-sena não ele vai dizer para você tudo aquilo que pertence ao seu caminho, mas ele não vai te escolher o caminho.

LOC1- Nessa perspectiva Kasulembê fala como não quer converter as pessoas ao Candomblé, e sim, seu olhar sobre como Candomblé é formado.

[13:27]

Pensa o seguinte. Até falo isso com as pessoas. Eu não quero nunca convencer um crente O que é o Candomblé..

[13:39]

Sabe por quê? Porque para mim candomblé é Mpambu Nzila, é Nkosi, é Mutakelambo, é Kitembo, é Matamba, é Bamburucema, é Kaia, é Kissimbi, é Dandalunda, para mim, o candomblé é isso.

[13:53]

E isso são elementos da natureza e energias de elementos da natureza, isso está presente no corpo de qualquer um seja crente, seja budista, seja umbandista, seja ateu.

a[14:11]

Corre sangue na sua veia? corre. você tem energia de Bamburucema dentro de você.

[14:20]

Quando nasceu o dente na sua boca nasceu, você tem Mpambu Nzila dentro de você.

SOBE BG DESCE BG

LOC1- Tatetu Kelawê fala sobre a diferença que há entre o Exu ancestral e o elemental Mpambu Nzila.

SONORA

[18:55]

A gente dentro do culto Congo- Angola, a gente cultua os elementais da natureza que são os Nkisis e os ancestrais em terra. Então, Exu, quando a gente fala Exu ou Ungira aí são ancestrais que viveram em terra há muito tempo e vieram há muito tempo. E muitas vezes nós como zeladores temos o nomes deles de áfricas djina. Mas né? Foi refeito Candomblé no Brasil, então a gente pega muita são uns ancestrais que viveram em terra Marabô, Tranca-Rua. E se a gente foi olhar são forças da natureza também são os nomes que eles usavam pela natureza. Ah, Maria Padilha, Mulambo então são esses os ancestrais que a gente cultua.

[19:55]

Como muita forma pejorativa chamam eles de: pé de vento, de Quiumba, de catiço. Então são esses ancestrais de terra, eles que nos dão também um apoio, é eles que comunica, eles que nos mostra o caminho, é eles que vêm ao nosso encontro em dificuldades né. E aí é como a forma que o ser humano se apresenta todo mundo tem um lado que é ruim e bom ao mesmo tempo. O que você pega não é o exu, não é o Ungira que é ruim é o que você tá pedindo a sua forma negativa de pedir.

[20:43]

Ah, mas eles são ruins, ruins são aquelas pessoas que fazem esses pedidos negativos, né? Que querem e [que alimenta essa energia negativa, né?] Que alimenta essa energia a forma negativa de Exu. Exu, vem para nos proteger, para nos dar caminho, para nos orientar na terra, né? Os próprios Exus ancestrais vem para nos orientar. Como passar por aqui melhor, como se formar, como respeitar o outro, é isso. Então, em muitas casas esses Exus que ajudam um barracão, né? Um terreiro que seja um Nzó, Ilê, ater essa doutrinação também dos próprios filhos de Santo eles vem trazer recados, eles vem nos orientar, como passar por dificuldades, como agir em certas, né certas ocasiões na vida da gente. Esses seriam os Exus.

SOBE BG DESCE BG

LOC1- Mesmo havendo essa diferença do elemental para o ancestral, ainda há deturpações da figura que é Mpambu Nzila. Tata Kasulembê e Tatetu Kelawê falam sobre essa realidade que acomete até os próprios adeptos da religião.

SONORA

[19:45]

É importante trazer esclarecimento. Para na hora que uma pessoa vier com uma ideia tipo assim, né? Ah Exu ou Mpambu Nzila é o capeta. Falou cara, não pode ser baseado no que ouvi dizer o que é de alguém que pertence a religião isso não pode ser isso, cara. Isso não tem condição disso ser isso. Não tem hipótese alguma isso seria isso, né? Então a ideia de esclarecer ela vem com esse propósito. Ela vem com um propósito de tentar trazer às pessoas uma melhor vivência do que são essas divindades do que do que essas divindades como quando elas trabalham, né? Como elas estão conectadas como elas estão dentro junto dentro da gente, né? E muito mais do que as pessoas pensam, né? Dandalunda não é água doce? é. Pega o seu corpo. Ele é formado. Quantos por cento de água então não tem como dissociar você dá energia você da divindade, ela tá dentro de você não tem como você.

[20:44]

Isso é por isso que eu digo que eu não quero convencer ninguém a nada. Não quero convencer ninguém quem é Mpambu Nzila, não. Eu quero dizer o que é só pronto. entenda, o que é depois processo o que eu disse baseado, como que se escuta do lado de fora aí, entendeu? E aí aqui eu digo né tanto para as pessoas que não pertencem a religião quanto

aquela quanto aquelas que pertencem, mas que hoje tem um entendimento um pouco deturpado, né um pouco um pouco distorcido do que é isso, né?

[21:25]

As pessoas podem buscar outras referências e entender melhor o que é isso sabe assim porque eu ainda acredito muito na fé das pessoas, né? Aquela pessoa que tá fazendo sem saber, eu acredito na fé dessa pessoa e eu tenho eu tenho uma crença na fé dela que se ela soubesse o certo ela faria o certo sabe? Ela faz assim isso porque na verdade ela não sabe porque disseram para ela que é isso e ela tem uma fé tão grande nisso que ela faz o errado acreditando nisso fielmente, realmente né? Fielmente né? Eu tenho um amigo que dizia assim, cara. Eu fui num terreiro de umbanda e o pai de santo lá recebeu Lúcifer. Eu falo assim: cara, eu sou fã da sua fé.

[22:18]

Eu sou fã da sua fé.

[22:21]

Porque pelo quanto você acredita nisso, né? O que que eu preciso fazer como um elemento transformador como como alguém que detém

[22:37]

O saber né, e tem o brilho nos olhos do que é divindade Mpambu Nzila do que é divindade de Exu. Eu tenho que dizer para as pessoas o que é aquilo ali.

[22:49]

Cara, entenda isso agora, associa sua fé à isso aqui. Cara, você é imbatível porque cara tu acredita nisso. Imagina se tu entender de verdade o que é isso e crê fielmente nisso cê é Imbatível. [23:00]

Kelawê

[22:23]

E aí, como tem todo esse processo de anos e anos de demonização em cima da nossa religião, né? Desde a Constituição, que a gente passou de seitas para religião. Então, os que comparavam os nossos orixás aos santos católicos colocaram a condição de Exu como o diabo. Então a forma negativa a Exu. Nós cultuamos Deus as outras religiões, vocês cultuam o diabo. Muitas das vezes eu falo: a gente ter entrado nessa, é claro, por direito foi bom. Mas, na forma social que o povo vê

[23:23] as casas de candomblé, eles jogaram para nós esse negativo que nem nosso é. A gente não cultua o diabo. A gente cultua Exus, Ungiras né, Mpambu Nzila. Então seria isso não tem nada a ver. Muitos também que adoçaram o sincretismo então continuaram, né? E avalizaram chamar Exu de diabo.

[24:07] Tanto que eu falo eu brigo assim dentro da religião matriz africana para ver como influenciou muito.

[24:24]A parte cristã, não nos cultos de candomblé, mas em outros cultos que a parte cristã também entrou como a umbanda, tal. Existe lá: Exu belzebu, Exu Lúcifer, a Maria Padilha do inferno isso aí é tudo que os antigos dessas raízes eles

[24:53] trouxeram para dentro da nação uma coisa que foi imposta a eles, achando que aquilo era uma verdade, cultuam-se até hoje esses exus que não tem nada a ver na parte africana. Não tem nada a ver com a ancestralidade africana, não tem! Lúcifer é cristão. Exu, não tem nada a ver com o diabo. Exu é nossa comunicação. É entidade que muitas vezes nos acolhe, né? É o que nos aconselha.

[25:43] Exú é sempre pro lado positivo, nunca pro lado negativo. A pessoa que leva Exu pro lado negativo.

SOBE BG
DESCE BG

LOC1- Bom, o Candomblé de Angola seria uma religião a ser seguida por um povo específico ou serve para todo mundo? Tatetu Kelawê nos esclarece essa dúvida.

SONORA

[27:40]O Candomblé na verdade serve para todos. Agora, dentro do culto Angola, como a gente lida com elemental da natureza, todos os povos têm seus ancestrais também. É claro, que está direcionado aos ancestrais africanos dentro desse culto africano. E todos que tem esse chamado ancestral, não é a gente que vai buscar, a gente não alicia ninguém. É o chamado. As pessoas que vêm até nós. Uns são iniciados porque tem a ver, sentem, que querem participar da religião, sentem que querem ser iniciados, outros não. Outros vem só pra consultar, outros ver história de vida: trabalho, amor. Para poder passar por essa terra melhor, mas todos são convidados, todos são aceitos no Candomblé. Então, não é que tem que vir que você é obrigado a participar, não. Tem consulentes que vêm arrumam suas coisas, não faz parte dessa ancestralidade ser do Candomblé. Não é do caminho.

SOBE BG
DESCE BG

LOC 1- Pessoal, após essas falas esperam que tenham aproveitado esse episódio com todo conhecimento passado sobre a divindade Mpambu Nzila, esse mergulho sobre o sagrado do Candomblé de Angola .

LOC1- Eu fico por aqui. Quem sabe num próximo programa com outro tema para conhecermos mais, hein? Mas é isso aí, até a próxima!

SOBE BG
DESCE BG

LOC1- Este podcast foi realizado como Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Marcus Honorato, do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina no primeiro semestre de 2023.///

LOC1- Roteiro e edição por Marcus Honorato// Orientação por Isabel Colucci Coelho///

SONORA

**xô xô xô xõ arauna
não deixa ninguém te pegar arauna
arauna é um pássaro bonito arauna
não deixa ninguém te laçar arauna
xô xô xô xõ arauna
não deixa ninguém te pegar arauna
arauna é um pássaro bonito arauna
não deixa ninguém te laçar arauna**

**SOBE BG
DESCE BG**